

**Projeto Comunitário de Esporte e Lazer:
uma ação de extensão universitária**

*Leisure and Sport Community Project:
university extension in action*

JOSÉ LUIS DE PAIVA¹

¹ Professor Mestre na Universidade Católica Dom Bosco

RESUMO

A partir de um entendimento de extensão universitária, fruto de revisão bibliográfica e reflexão, o artigo analisa o Projeto Comunitário de Esporte e Lazer, coordenado pelo Curso de Educação Física da UCDB, e realizado no Centro Popular Aero-Rancho, em parceria com o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Partindo do pressuposto de que uma das características principais da Extensão é o estabelecimento de uma relação entre Universidade e demais grupos sociais, cercada de características próprias que lhe emprestem o estatuto acadêmico e não de uma simples prestação de serviço, é observada a experiência do Projeto Comunitário de Esporte e Lazer. Concluiu o artigo, que o Projeto em questão, apesar dos avanços ainda necessários, caracteriza-se como uma prática “não-extensionista” que pode contribuir de forma positiva tanto internamente, no Curso de Educação Física da UCDB, quanto externamente, junto à comunidade do Aero-Rancho.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão Universitária
esporte
lazer

ABSTRACT

Beginning from an understanding of university extension, resulting from bibliographic research and reflection, this paper analyzes the Leisure and Sport Community Project, coordinated by the Physical Education Course of the Dom Bosco Catholic University, carried out at the Aero-Rancho Popular Center, in partnership with the Government of the State of South Mato Grosso. The Leisure and Sport Community Project takes as a starting point the understanding that one of the main characteristics of Extension is the establishing of a relationship between the University and other social groups, with individual characteristics from the academic statute and not simply the giving of a service. This paper concludes that the project in question, despite advances still necessary, is characterized by a non-extensionist practice which can contribute positively both internally, to the Physical Education Course and externally to the Aero-Rancho community.

KEY WORDS

*University Extension
sport
leisure*

1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: NECESSIDADE DE UMA COMPREENSÃO AMPLA

Assistimos nos últimos anos uma ampla expansão das ações de extensão universitária dentro das Universidades Brasileiras, e, devido ao entendimento amplo que esta área comporta, são também grandes as diferenças entre as características básicas destes trabalhos, o que muitas vezes dificulta o estabelecimento claro de seus limites e objetivos.

Diante da profusão de ações e entendimentos que a área carrega, acredito que é necessário, ao analisar o tema, iniciar pelo esclarecimento do próprio conceito, a fim de minimizar as possibilidades de uma leitura distorcida do conteúdo a ser trabalhado.

Sendo a extensão colocada como um canal de relação entre universidade e outros grupos sociais, entender como essa relação se estabelece é fundamental para a compreensão da própria extensão.

Uma forma possível de consecução desta relação é respeitando o sentido semântico da palavra “extensão”, que como observa Paulo Freire (1975), é carregada por significações como: transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, entre outros. São esses valores que estão presentes nos trabalhos de extensão que têm em sua lógica interna apenas o “entregar” de conhecimento produzido pela universidade aos que a ele não tem acesso, o que muitas vezes é inclusive justificado pela lógica do “favor aos que mais precisam”.

Trabalhos nessa perspectiva são comuns no meio acadêmico, e se observarmos a história da extensão universitária em nosso país, podemos afirmar que são os que tradicionalmente foram os mais emblemáticos desenvolvidos no setor.

Porém, o mesmo Paulo Freire (1975), buscando uma contraposição à perspectiva acima, prefere a palavra *comunicação*, alegando que é na sua prática que universidade e grupos sociais envolvidos poderão dialogar na busca de soluções para seus problemas.

Respeitando o trato legal, uso o termo *extensão* para o desenvolvimento deste e de outros trabalhos na área, porém busco fazê-lo sempre tendo como referencial a visão defendida por Freire.

Ainda no esforço de conceituar a extensão, é importante refletirmos sobre os objetivos que influenciaram a sua obrigatoriedade no Ensino Superior. Garcia (1976) coloca que a extensão funciona como “[...] uma espécie de contra-discurso para encobrir o não envolvimento da universidade com as transformações mais profundas no seu esquema básico de relacionamento com a sociedade [...]”, ou seja, ao invés de denunciar uma universidade alienada da realidade em que se insere, a extensão encobrirá essa situação.

Complementando essa análise, Sousa (2000, p.16) coloca-nos que a extensão traz em seu bojo valores comprometidos com a situação em que se insere, marcando-se “[...] pela desvinculação das necessidades objetivas das classes subalternas e pela permanente vinculação com os interesses das classes dominantes [...]” e, como nos mostra Garcia (1975), funcionando de álibi para a manutenção do *status quo* universitário.

Dessa forma, ao invés de diminuir a distância existente entre o que se produz no interior da academia e a população de uma forma geral, ou ainda, ao invés de proporcionar que o que se produz em seu interior seja balizado na realidade dessa população e a ela retorne, a extensão contribui justamente com o contrário, ecoando a estrutura social que gera tal distanciamento (Paiva, 2003).

Sobre esse ponto específico, Botomé (1996, p. 56) coloca que:

[...] a substituição do ensino alienado e alienante e da pesquisa pouco útil ou, ainda, o pouco acesso ao conhecimento criaram duas tendências nas instituições universitárias, substituindo possíveis esforços para aprimorar o ensino e a pesquisa: a prestação de serviços e a oferta de conhecimentos.

Finalmente, Saviani (1995) buscando superar essa realidade, propõe uma visão *não-extensionista* em que as práticas de extensão deveriam ter como pano de fundo a responsabilidade da universidade para com as classes de poder aquisitivo mais baixo, justamente por serem essas que, apesar de contribuírem efetivamente para a manutenção do sistema, através de um sistema de impostos marcadamente regressivo, têm pouco acesso direto a ela, seja via vestibular, pela dificuldade de financiar seus estudos ou ainda pela apropriação dos conhecimentos produzidos pela universidade. Como fator essencial

para essa aproximação, defende que a extensão seja como uma via de mão dupla entre universidade e comunidade. Esta via proporcionaria uma troca entre conhecimentos produzidos pela população de uma forma geral, porém não sistematizados, e os produzidos no seio da universidade que, através dessa aproximação, poderia desenvolver uma maior coerência com a realidade que a cerca.

Assim impõe-se nessa discussão a necessidade de se estabelecer alguns parâmetros que possam orientar um avanço para além do conceito assistencialista e compensatório presentes na criação da extensão, a fim de que se possa pensar-lhe um outro estatuto, que não somente o de ser uma discutível válvula de escape da pressão por uma universidade mais democrática, e caminhar no sentido de transformá-la, num instrumento que possa redirecionar tanto o ensino quanto a pesquisa para questões até agora distantes de ser objetos de atenção da universidade, ou como nos coloca Saviani (1995, p.55):

[...] transformar os objetos de suas pesquisas em algo realmente relevante para a sociedade. E é também este contato que vai permitir que se elabore o saber que já está presente na comunidade, que já está presente nas massas, de tal modo que ela seja uma força viva que contribua para a elevação geral do nível de vida desta sociedade.

A extensão deve ser uma das partes de uma política universitária mais ampla, que abarcará também em seu interior outros diversos segmentos. Assim, como parte dessa política geral, deveremos ter articuladas questões como o ensino, a pesquisa, o financiamento, os recursos humanos, entre outros.

Além disso, quando pensada isoladamente, sem a devida articulação com os projetos acadêmicos dos diferentes cursos em que os projetos são desenvolvidos, tem-se uma maior probabilidade da ação se encerrar em si mesma, sem influenciar a produção de conhecimento pela pesquisa, nem tão pouco a transmissão do conhecimento via as aulas de graduação.

A observação e reflexão destas e outras questões no interior do Projeto Comunitário de Esporte e Lazer é objetivo deste artigo, que busco fazer na seqüência.

2. O PROJETO COMUNITÁRIO DE ESPORTE E LAZER: UMA AÇÃO DE EXTENSÃO?

No início do ano de 2003 fui convidado a implantar e coordenar um Projeto de Extensão no Centro Popular Aero-Rancho, localizado em uma das regiões mais populosas de Campo Grande-MS.

O Centro Popular Aero-Rancho é um grande equipamento esportivo construído pelo Governo do Estado, em 2002, dentro de um imenso parque já existente na região e conta em sua estrutura com quatro quadras cobertas, três piscinas e vários espaços de multiuso, como palco e salas.

A partir da inauguração do equipamento começou a ser oferecida para a população local, durante a semana, uma série de atividades de iniciação esportiva, reservando-se os finais de semana para o uso livre o espaço.

Seria durante a semana, de terça a sexta-feira, que a Universidade implementaria suas ações, em parceria com o Governo do Estado, através da então FUNDEPORTE, órgão responsável pela política de esporte e lazer de MS, hoje incorporada à recém criada Secretaria de Estado de Juventude e de Esporte e Lazer (SEJEL).

Diante da realidade encontrada no local e das próprias características da equipe que estávamos formando, em especial, os acadêmicos, optou-se em dar continuidade ao trabalho existente, só que incorporando a este toda uma sistematização e acompanhamento que até então não existiam de maneira adequada.

Iniciava-se então, em março de 2003, as ações do Projeto, composto inicialmente por equipe de dois docentes e cerca de 12 acadêmicos, desenvolvendo nas instalações do Centro Popular, atividades de iniciação e vivência esportiva para a população local, atendendo desde a criança até o idoso.

Havia no projeto em seu início cerca de 1200 participantes, um número expressivamente maior ao verificado antes da entrada da UCDB no espaço, que era em torno de 700 pessoas.

Atualmente, o Projeto conta com uma equipe de quatro docentes e em média 30 discentes, que ministram atividades para um público

em torno de 2500 pessoas, número muito próximo à capacidade de atendimento do local, levando em consideração a forma de desenvolvimento de atividades que hoje é feita.

Independente da questão quantitativa, que aqui tem importância secundária, os números acima dão conta de mostrar a dimensão do projeto, que pode ser considerado em número de atendimentos semanais ou como ação continuada de esporte e lazer, o maior de MS.

O que nos importa ressaltar, porém, são as questões qualitativas, principalmente as que dizem respeito aos pressupostos da extensão universitária, defendidos na primeira parte deste artigo.

Para que isso seja feito cabe inicialmente detalhar a metodologia de desenvolvimento do projeto, bem como seus principais objetivos, na seqüência avaliar as ações e discuti-las à luz da orientação teórica assumida.

Basicamente o projeto tem como sua ação principal o oferecimento de atividades de iniciação e vivência esportiva nas modalidades de futsal, basquete, vôlei, handebol, natação, hidroginástica e ginástica. Essas atividades são ministradas pelos acadêmicos envolvidos, com supervisão docente, realizada por meio do acompanhamento do planejamento e avaliação que estes fazem de suas ações, por observações das atividades e por meio de reflexão em reuniões quinzenais.

No início de cada semestre, após o processo de inscrição nas atividades, os participantes são divididos em turmas de acordo com a idade e nível de aprendizado, e cada turma tem duas aulas semanais, nas quais existe um acompanhamento de presença.

Levando-se em conta apenas a ação no local, um dos principais objetivos do projeto é oportunizar para o maior número de pessoas da região o direito de acesso à atividade esportiva de qualidade, motivo que nos levou a ampliar em mais de três vezes o número de vagas oferecidas.

Vencidas as dificuldades iniciais, inerentes ao processo de implantação do projeto, que envolveu conhecimento do espaço e suas relações internas, da população e sua prática cotidiana e da equipe

de trabalho, com suas aspirações, limites e potencialidades, passou-se para uma segunda fase de constante avaliação e readequação do projeto.

Nessa nova fase, que começou de maneira tímida no final do ano de 2003 e foi retomada com mais ênfase neste ano, estão sendo implantadas, paulatinamente, novas ações junto ao projeto, que buscam reforçar seu caráter acadêmico.

Isso se fez necessário, pois estava evidente para a equipe docente que apenas o desenvolvimento de atividades orientadas no local, ficaria muito aquém das potencialidades que o projeto oferecia, principalmente se levada em consideração as possíveis e necessárias inter-relações com o ensino e a pesquisa.

Do ponto de vista da ação em si, no processo de supervisão das atividades começou-se a incentivar que houvesse uma maior interlocução com os participantes do projeto, para que as aulas, principalmente as com turmas de adultos, fossem cada vez mais participativas e ao encontro dos anseios dos alunos.

Conhecer o aluno com quem se trabalha, ouvir suas demandas, discutir a aula com a turma, propor reflexões sobre a atividade física, o corpo e sobre a ação de cada um no projeto, passou a ser diretrizes de cada aula.

Dessa nova postura em construção, os resultados, principalmente verificados através dos relatos dos acadêmicos são muito interessantes. Desde a mudança de papel do acadêmico, que passou a perceber sua atuação com outros olhos, até as manifestações dos participantes, em relação às aulas e, de maneira mais acentuada, sobre suas práticas corporais, momento de reflexão sobre seu papel social.

Também neste ano, formamos dentro do projeto um grupo interno de pesquisa, que tem como objetivo canalizar as inquietações e descobertas dos alunos, em pesquisas científicas e/ou relatos de experiência.

Atualmente estamos com mais de dez trabalhos em desenvolvimento, abordando desde temas como a imagem corporal das

mulheres praticantes de ginástica, o perfil dos caminhantes do parque, até a discussão sobre a participação popular no projeto.

Uma característica desse grupo interno de pesquisa que deve ser ressaltada é a variedade de temas que estão sendo investigados e, ainda mais importante, verificar que os trabalhos pertencem a diferentes matizes teóricas, pois foi nossa opção não delimitar a participação pela opção teórica do docente ou do discente, mas sim ser um espaço plural, em que a riqueza de temas e abordagens derivadas do trabalho cotidiano, possa ser investigada a partir da orientação do orientando e orientador que assumirem o trabalho.

Finalmente, neste segundo semestre estaremos criando as bases de um futuro conselho gestor do projeto, que terá como participantes, além de pessoas da equipe da UCDB, representantes dos participantes do projeto. Essa iniciativa visa consolidar os canais de participação no projeto e também apresentar uma proposta de desenvolvimento de atividades de esporte e lazer diferenciada, que tenha na participação popular um de seus eixos principais.

Respondendo a pergunta colocada no início deste tópico, podemos afirmar que o Projeto Comunitário de Esporte e Lazer, por nós coordenado, se esforça para construir uma relação diferenciada com a população local, entendendo o papel desta não somente como receptora de nossas ações, mas agente na definição das mesmas, seja durante as aulas, pela participação em nossas pesquisas ou no trabalho de participação comunitária mais efetivo que agora de inicia.

Essa relação, não de partes iguais, mas de partes diferentes e, por consequência, dotadas de diferentes saberes, é a base sobre a qual o projeto busca de consolidar.

A relação ensino – pesquisa – extensão, apesar dos avanços conseguidos em relação à produção de trabalhos científicos, ainda tem muito a melhorar, principalmente no que diz respeito a um estreitamento do que é vivenciado e pesquisado no interior do projeto, com o que é ensinado em sala de aula no Curso.

Atualmente ainda é grande essa distância e a mudança desse cenário passa, em nossa avaliação, por mudanças estruturais na grade

curricular do curso, no sentido de incorporar a essa, disciplinas em que os projetos de extensão possam ser debatidos, dentro do projeto acadêmico em desenvolvimento.

Podemos concluir com essa experiência, que está em constante construção, que a opção por uma abordagem *não-extensionista*, como defende Saviani (1995), além de trazer uma série de benefícios para a formação dos acadêmicos envolvidos, contribui também para uma questão ainda mais importante, que é a formação cidadã dos envolvidos, sejam eles acadêmicos ou pessoas da comunidade, que juntos sonham, criam, trabalham, produzem e vivem uma realidade mais participativa e solidária.

REFERÊNCIAS

BOTOMÉ, S.P. *Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GARCIA, W.E. *Educação contemporânea: organização e funcionamento*. São Paulo: McGraw, 1976.

PAIVA, José Luis. *Lazer, política cultural e extensão universitária no projeto de ensino, pesquisa e extensão: recreação comunitária*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP

SAVIANI, D. *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1995.

SOUSA, A.L.L. *A história da extensão universitária*. Campinas: Alínea, 2000.